

## TRABALHOS DE PESQUISA

### SEXUALIDADE E CARNAVAL: RETRATOS DA FOLIA

Elias Marcelino da Rocha<sup>1</sup> , Marcos Vinicius Costa Santos<sup>2</sup> , Igor Lopes da Silva<sup>2</sup> , Mariana Rodrigues Santana<sup>2</sup> , Thaynnara Cristhina Serra Miranda<sup>2</sup> , Luiz Fernando Lima Oliveira<sup>2</sup> , Marcelo Fermanian Catunda Siqueira<sup>3</sup> , Vagner Ferreira do Nascimento<sup>4</sup> , Alisséia Guimarães Lemes<sup>5</sup> 

#### SEXUALITY AND CARNIVAL: PORTRAITS OF REVELRY

#### SEXUALIDAD Y CARNAVAL: RETRATOS DE LA FOLIA

**Resumo:** Objetivo: Descrever o comportamento sexual dos indivíduos na ocasião do carnaval em um município do médio Araguaia. Método: Trata-se de um estudo descritivo e exploratório de abordagem quantitativa, realizado com 192 foliões de ambos os gêneros, com idade superior a 18 anos, no carnaval realizado no município de Barra do Garças, região da Amazônia legal, Mato Grosso – Brasil, no mês fevereiro de 2023. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário do Araguaia. Resultados: Dos participantes da pesquisa 84% declaram acreditar que durante o carnaval as pessoas não se previnem mais do que em outras ocasiões, e 94% mencionam que durante o carnaval aumenta o risco de transmissão de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Foi observado que 60% tiveram relações sob efeito de álcool e 11% sob efeito de outras drogas, no entanto, 29% declaram ter deixado de utilizar preservativo por ter ingerido bebida alcoólica. Considera-se que a responsabilidade pelo uso do preservativo, na maioria das vezes, ainda é do homem, tal fato evidencia que preservativo feminino não possui a mesma visibilidade quanto o masculino. Conclusões: Durante o carnaval, os indivíduos tornam-se ainda mais vulneráveis ao contágio de algum tipo de IST e AIDS. Ressalta-se a importância de ações de educação, prevenção e promoção da saúde na ocasião do carnaval no Brasil.

**Palavras-Chave:** Sexualidade; Vulnerabilidade em Saúde; Infecções Sexualmente Transmissíveis.

**Abstract:** Objective: To describe the sexual behavior of individuals at the time of carnival in a municipality of the middle Araguaia. Method: This is a descriptive and exploratory study of quantitative approach, carried out with 192 revelers of both genders, aged over 18 years, in the carnival held in the municipality of Barra do Garças, region of the legal Amazon, Mato Grosso - Brazil in February 2023. The study was approved by the Research Ethics Committee of the Federal University of Mato Grosso - Campus Universitário do Araguaia. Results: Of the participants of the survey 84% say they believe that during carnival people do not prevent themselves more than on other occasions and 94% mention that during carnival increases the risk of transmission of Sexually Transmitted Infections (STI). It was observed that 60% had sex under the influence of alcohol and 11% under the influence of other drugs, however 29% declared to have stopped using condoms because they had drunk alcohol. It is considered that the responsibility for the use of condoms in most cases is still the man, this fact shows that female condoms do not have the same visibility as male condoms. Conclusions: During carnival individuals become even more vulnerable to the contagion of some type of STI and AIDS. It emphasizes the importance of actions of education, prevention, and health promotion on the occasion of carnival in Brazil.

**Keywords:** Sexuality; Sexual Behavior; Sexually Transmitted Diseases.



<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Saúde e Terapeuta Sexual. Professor Assistente, Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário do Araguaia, Barra do Garças, Mato Grosso, Brasil. [eliasufmt@yahoo.com.br](mailto:eliasufmt@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Enfermeiro(a). Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário do Araguaia, Barra do Garças, Mato Grosso, Brasil. [enfmarcosufmt@gmail.com](mailto:enfmarcosufmt@gmail.com); [igortorquatto79@hotmail.com](mailto:igortorquatto79@hotmail.com); [marianaenf2015@gmail.com](mailto:marianaenf2015@gmail.com); [thaynnara.1203@gmail.com](mailto:thaynnara.1203@gmail.com); [luiznando\\_008@hotmail.com](mailto:luiznando_008@hotmail.com)

<sup>3</sup> Especialização em Gestão Pública. Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário do Araguaia, Barra do Garças, Mato Grosso, Brasil. [mfermanian@yahoo.com.br](mailto:mfermanian@yahoo.com.br)

<sup>4</sup> Doutor em Bioética; Professor Adjunto III no curso de enfermagem da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Tangará da Serra, Mato Grosso, Brasil. [vagnernascimento@unemat.br](mailto:vagnernascimento@unemat.br)

<sup>5</sup> Doutora em Enfermagem Psiquiátrica. Professora Adjunto II do curso de enfermagem Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário do Araguaia, Barra do Garças, Mato Grosso, Brasil. [alisseia@hotmail.com](mailto:alisseia@hotmail.com)

**Resumen:** Objetivo: Describir el comportamiento sexual de los individuos en ocasión del carnaval en un municipio del medio Araguaia. Método: Se trata de un estudio descriptivo y exploratorio de abordaje cuantitativo, realizado con 192 jueguistas de ambos géneros, con edad superior a 18 años, en el carnaval realizado en el municipio de Barra do Garças, región de la Amazonia legal, Mato Grosso - Brasil en el mes de febrero de 2023. El estudio fue aprobado por el Comité de Ética en Investigación de la Universidad Federal de Mato Grosso - Campus Universitario de Araguaia. Resultados: De los participantes de la encuesta 84% declaran creer que durante el carnaval las personas no se previenen más que en otras ocasiones y 94% mencionan que durante el carnaval aumenta el riesgo de transmisión de Infecciones Sexualmente Transmisibles (IST). Se observó que 60% tuvieron relaciones bajo la influencia del alcohol y 11% bajo la influencia de otras drogas, sin embargo 29% declaró haber dejado de usar preservativo por haber ingerido bebida alcohólica. Se considera que la responsabilidad por el uso del condón en la mayoría de las veces sigue siendo del hombre, tal hecho evidencia que el condón femenino no posee la misma visibilidad como el condón masculino. Conclusiones: Durante el carnaval los individuos se vuelven aún más vulnerables al contagio de algún tipo de IST y SIDA. Se resalta la importancia de acciones de educación, prevención y promoción de la salud en ocasión del carnaval en Brasil.

**Palabras clave:** Sexualidad; Comportamiento sexual; Enfermedades de Transmisión Sexual.

## Introdução

O carnaval é representado como uma cultura popular e tem um maior destaque como festa nacional brasileira, quando se costuma associar a origens africanas devido aos ritmos de percussão e gingados sensuais que compõem as músicas e danças, mas tem suas origens europeias (Diniz, 2008; Germano, 1999). No Brasil, o carnaval acontece no período que corresponde ao verão, estação ligada ao turismo dentro e fora do país, principalmente para as regiões litorâneas. O verão revela a sensualidade com o uso de roupas leves e com os ritmos dançantes do carnaval. E a sensualidade é explorada pelos meios de comunicação, principalmente a mídia televisiva, que faz uso de imagens geralmente apelativas, dando ênfase em corpos seminus e coreografias provocantes que estimulam a libido (Torres; Beserra; Barroso, 2007).

Sexualidade é um fator central do ser humano durante toda a vida e engloba as identidades e os papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, práticas sexuais, prazer, intimidade e reprodução. É vivenciada nos pensamentos, nas fantasias, nos desejos, na opinião, nas atitudes, nos valores, nos comportamentos, nas práticas, nos papéis e nos relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem todas são sempre exploradas. A sexualidade é influenciada por fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais (Organização Mundial da Saúde, 2020).

Biologicamente, compreende-se sexo como as diferenças anatômicas e fisiológicas entre homens e mulheres; a expressão gênero é usada para descrever a condição social com a qual as pessoas identificam-se. A compreensão de masculinidade e feminilidade é vista de maneira oposta: os homens são provedores e fortes e por isso são os responsáveis por manter a casa e a família, logo, as mulheres são fracas, e assim são responsáveis por cuidar dessa família (Machin et al., 2011).

A identidade de gênero de um indivíduo é um constructo intrínseco que pode divergir do seu sexo biológico, e esse fenômeno assume relevância na esfera das políticas públicas devido à sua influência na configuração tanto concreta quanto simbólica da dinâmica social, bem como na estruturação das relações de poder entre os diferentes gêneros. De maneira paralela, a orientação sexual de um sujeito denota a forma pela qual ele estabelece ligações afetivas e sexuais com outros indivíduos (Ramos, 2020). Mergulhar neste universo é um meio de decodificar e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana, bem como as representações de papéis de gênero como construções socioculturais, as quais, passíveis de transformações, são reformuladas, ressignificadas à medida que o social vivencia mudanças (Bagagli, 2017).

Perpassar pelo cenário da sexualidade e a folia do carnaval é vislumbrar um campo minado para Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), as quais são transmitidas pelas relações sexuais, seja em forma de feridas, corrimento ou verrugas. A falta de conhecimento está diretamente relacionada a comportamentos de risco para adquirir IST e seus métodos de prevenção. Essa lacuna causa vulnerabilidade no indivíduo, sendo

mais evidenciada na falta de acesso aos meios de prevenção (Cardoso; Malbergier; Figueiredo, 2008; Da Costa *et al.*, 2016).

Nesse contexto, o propósito deste estudo consistiu na avaliação do comportamento sexual de turistas e residentes locais na cidade de Barra do Garças, situada no interior do estado de Mato Grosso, na fronteira com o estado de Goiás, durante as festividades carnavalescas ocorridas no ano de 2023, visando não apenas a compreender as dinâmicas sexuais nesse cenário festivo, mas também contribuir para a promoção da saúde sexual e da desconstrução de tabus relacionados à sexualidade, além de fornecer informações úteis para a gestão das políticas públicas de saúde da região.

## Método

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem quantitativa. A pesquisa foi realizada durante o carnaval de 2023, no parque de exposições de Barra do Garças, um município do centro-oeste, região da Amazônia legal - Vale do Araguaia, Mato Grosso – Brasil.

A população alvo da pesquisa foi constituída de 192 pessoas cisgênero, sendo 85 homens e 107 mulheres, todos maiores de 18 anos, a fim de obter dados sobre o conhecimento, as práticas e opiniões relativas aos temas: sexualidade, uso de preservativo, escolaridade, IST, uso de substâncias psicoativas.

O estudo respeita os preceitos éticos e está em conformidade pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob Protocolo de Aprovação nº 2062048, CAAE: 65604317.2.0000.5587 da Universidade Federal de Mato Grosso, no Campus Universitário do Araguaia.

## Resultados e discussão

A maior parte dos participantes da pesquisa (56%) corresponde ao gênero feminino, sendo 44% participantes do gênero masculino. A faixa etária variou entre 18 e 60 anos, tendo prevalência de 18 a 25 anos (59%).

Identificou-se que a maioria dos entrevistados já havia concluído o ensino médio (80%), graduação em ensino superior incompleto (31%) ou já são graduados (20%). Ter formação escolar ou acadêmica não garante que as pessoas terão conhecimento sobre sexualidade, que farão uso de medidas de promoção da saúde e prevenção de agravos. Ainda existe uma grande lacuna entre o conhecer e o uso do conhecimento, e muitos dos indivíduos não convergem o conhecimento em atitudes positivas em relação à saúde, refletindo na não adesão às medidas protetivas tanto para anticoncepção quanto para prevenção de IST e, principalmente, ao HIV. Resultado ainda mais evidente pois apenas 70% declaram se sentir informados sobre questões relacionadas à sexualidade.

A escolaridade também acaba por intervir na fecundidade: quanto mais escolarizada, menor é a fecundidade da juventude. Isso indica que, para algumas pessoas, pobres e pouco escolarizadas, convivendo com apelos para o consumo e se enxergando distantes das possibilidades de adquiri-los, talvez a gravidez não seja um problema, e sim uma solução, um meio de aquisição de identidade e função social (Amoras; Campos; Beserra, 2015; Villela; Doreto, 2006). O problema passa a existir na medida em que não existem ações que quebrem o círculo vicioso entre pobreza e exclusão para essas pessoas e seus filhos. A maior incidência de gravidez entre jovens pobres e de menor escolaridade sugere a dificuldade de acesso a informações sobre contracepção e aos elementos contraceptivos. Porém, é importante ressaltar que o conhecimento sobre métodos contraceptivos não garante o seu uso.

Apesar de ainda ser um tabu na sociedade, a conversa sobre sexualidade com a família em casa se mostra em uma porcentagem relevante de 65%. Porém, o atraso de se discutir esse tema em casa, visto sua importância, faz com que, principalmente adolescentes, procurem informações com outros adolescentes os quais poderão aumentar ainda mais suas incertezas e práticas sexuais inseguras. Diante da ausência de diálogo e da falta de informações em seu ambiente doméstico, o adolescente inclina-se a buscar esclarecimentos junto a seus pares, que igualmente se encontram em estágios de desenvolvimento emocional e cognitivo imaturos. Tal dinâmica contribui para a promoção de comportamentos sexuais inseguros por parte dos adolescentes envolvidos.

Uma grande porcentagem de adolescentes cita os amigos como a principal fonte de informação sobre as questões sexuais. A proximidade pela idade, experiências, interesses e preocupações possibilita o reconhecimento mútuo e facilita o tratamento de assuntos considerados constrangedores ou difíceis. Ainda que a “igualdade de cenários” torne mais fácil tratar essas questões, os pais não são os intermediários mais eficazes de educação sexual, contribuindo, muitas vezes, para a continuidade de concepções equivocadas e para a propagação de informações pouco confiáveis (Pontes, 2011).

Muitas pessoas acreditam que é necessário um momento exclusivo e especial para conversar sobre sexualidade. No entanto, a educação sexual vai além da expressão verbal: inclui gestos, atitudes e comportamentos. A construção do conhecimento sobre sexualidade deveria acontecer naturalmente, entretanto, a população ainda confunde sexualidade com apenas a prática, ato ou intercurso sexual.

Dentro dessa perspectiva, as pessoas deveriam amenizar não somente o sofrimento do corpo, mas também da alma. No momento de dúvida, é necessário ultrapassar as barreiras, preconceitos e buscar outros caminhos, a fim de esclarecer a falta de comunicação sobre sexualidade e práticas sexuais, bem como os elementos que cercam esse universo.

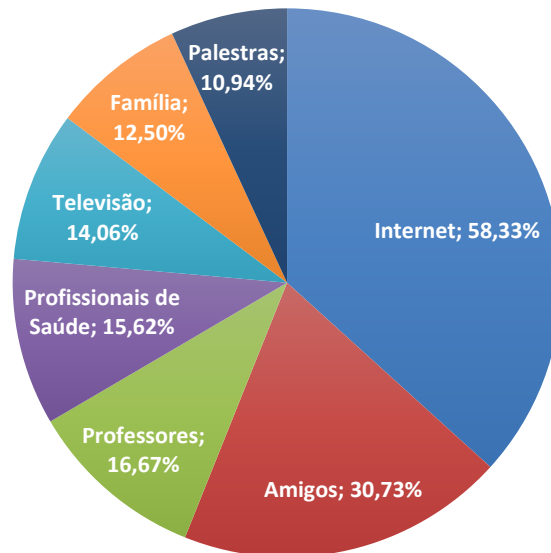
Além da ausência de informações sexuais fornecidas pela família, atribuindo essa responsabilidade à escola e aos serviços de saúde, há também uma influência significativa da cultura nesse comportamento. Crenças, valores e costumes permeiam o contexto de vida das pessoas e moldam suas condutas em questões relacionadas à saúde e à doença. Esses fatores culturais são moldados por diversos elementos, incluindo a linguagem, a religião e os contextos sociais, políticos, educacionais, econômicos e tecnológicos específicos de cada cultura (Budó; Saupe, 2004; Fernandes; Sousa; Barroso, 2004; Pereira; Soares; Campos, 2007).

A comunicação entre pais e adolescentes se mostra restrita, com pouca abertura para discutir assuntos íntimos. A relutância em buscar esclarecimentos sobre sexualidade junto aos pais muitas vezes está relacionada ao temor de enfrentar possíveis retaliações. Tabus e preconceitos podem também inibir o indivíduo de procurar informações. Diante dessa lacuna, os adolescentes recorrem a seus pares em busca de troca de ideias, resultando em jovens e futuros adultos despreparados para assumir a responsabilidade pelo seu autocuidado (Patricio, 2000).

Por outro lado, os pais, temendo que conversas sobre sexualidade possam incentivar a atividade sexual precoce, tendem a manter silêncio sobre o assunto. No entanto, a educação sexual deve ser uma jornada contínua, adaptada a diferentes fases da vida e abordando as questões sexuais específicas de cada indivíduo.

A crença de que os filhos não estão envolvidos em atividades sexuais leva os pais a evitarem conversas sobre o assunto e a esperarem por algum sinal que indique o despertar da sexualidade. No entanto, esse sinal muitas vezes surge como resultado de experiências sexuais sem orientação, com consequências desastrosas. Somente após reconhecerem tardiamente que seus filhos estão envolvidos em atividades sexuais, os pais iniciam conversas, essas, frequentemente, limitam-se a orientações superficiais sobre prevenção de gravidez e infecções sexualmente transmissíveis, como o HIV/AIDS (Carvalho; Pinto; Santos, 2018; Sousa; Fernandes; Barroso, 2006).

Evidenciou-se que 88% dos participantes da pesquisa colaboraram com o assunto, afirmaram que se sentem confortáveis em dialogar sobre sexualidade. Dos entrevistados, 136 (70%) sentem-se informados sobre questões relacionadas à sexualidade e 56 (30%) não se sentem informados sobre sexualidade. Acerca da forma de acesso à informação sobre sexualidade, os entrevistados puderam assinalar mais de uma opção, sendo assim, obtivemos os seguintes resultados:



**Gráfico I** – Fontes de informação. Região Centro-Oeste, Mato Grosso, Brasil 2023 (n= 192).

Em um contexto de relevância crescente para a promoção da saúde pública, a disseminação adequada de informações sobre métodos preventivos de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) é de suma importância. Neste estudo, investigamos as origens de informação mais citadas por um grupo de participantes, a fim de compreender como essas fontes influenciam o nível de conhecimento sobre métodos preventivos de IST.

Os resultados obtidos revelaram que a internet foi a fonte de informação mais amplamente citada, abrangendo 58,33% dos participantes. Essa alta percentagem pode estar correlacionada com a acessibilidade cada vez maior à internet e a sua vasta gama de recursos informativos. Em segundo lugar, foram mencionados amigos, com 30,73%, e professores, com 16,67%, como contatos significativos de informação sobre IST.

Profissionais da saúde (15,62%), televisão (14,06%), família (12,50%) e palestras (10,94%) também foram citados como recursos de informação, embora em menor escala. Essa diversidade de fontes reflete a natureza multifacetada de onde procedem informação disponíveis para o público em geral.

Um achado intrigante neste estudo foi a discrepância entre a porcentagem de participantes que se declararam bem-informados e aqueles que responderam corretamente às questões sobre métodos preventivos de IST. Foi observado que algumas pessoas que afirmaram não se sentirem informadas demonstraram conhecimento adequado sobre como prevenir IST e responderam de forma precisa quanto aos métodos de prevenção. Isso pode sugerir uma subestimação do próprio conhecimento por parte dos participantes ou uma influência de outros fatores não avaliados nesta pesquisa.

Os resultados deste estudo indicam que a internet desempenha um papel preponderante na disseminação de conteúdos sobre IST. No entanto, a discrepância entre a autopercepção de informação e o conhecimento efetivo ressalta a complexidade da relação entre as fontes de informação e a compreensão efetiva dos métodos preventivos de IST. Esses achados podem direcionar estratégias de educação em saúde para otimizar a disseminação de materiais precisos e eficazes sobre IST, focando em canais de informação específicos, os quais desempenham um papel crucial na formação de conhecimento e atitudes em relação à prevenção de IST.

São muitos os fatores que podem influenciar no conhecimento sobre sexualidade: falta de apoio familiar e de expectativas de vida, perda da autoestima, maus exemplos familiares, curiosidade natural, necessidade de expressar amor e confiança, solidão, carência afetiva e necessidade de autoafirmação.

Destaca-se que a programação oferecida pela televisão valoriza o culto ao corpo, à beleza, ou seja, a parte escultural de homens e mulheres. Há, novelas, seriados e filmes com conteúdo provocativo ao estímulo visual, como cenas de insinuação de relacionamento sexual, sexo descartável, carícias e corpos nus, o que pode despertar a sua sexualidade de maneira exacerbada. Nem sempre a forma que é exibida pela mídia é

apreendida e praticada pelas pessoas de maneira informativa e educadora.

Em relação às fontes de informação, num estudo com jovens afro-americanos, pesquisadores constataram que, durante a adolescência, o membro familiar que desempenha um papel mais ativo, como fonte de informação sobre sexualidade, é a mãe. Entretanto, o pai demonstra ter uma forte influência no que diz respeito às atitudes e comportamentos sexuais, como na decisão diante da iniciação sexual (Diiorio; Kelley; Hockenberry-Eaton, 1999).

Os conteúdos associados a outras fontes de informação, como a educação sexual na escola, mídias, amigos e parcerias também sofrem alterações de acordo com a fase do desenvolvimento na qual os indivíduos se encontram. Muitas vezes, a procura e a facilidade do acesso também vêm das necessidades, motivações e competências dos próprios jovens. Essas fontes de informação são influenciadas pelos contextos cultural, social e político, que regulam o acesso e a qualidade da informação, sabendo que todos estes fatores podem influenciar no nível de conhecimentos sobre HIV/AIDS e na escolha de comportamentos sexuais de proteção ou risco (Garcia; Souza, 2010; Gomes *et al.*, 2017; Martins; Malta; Almeida, 2013).

Dos 192 participantes que utilizaram métodos na primeira relação sexual, 75% mencionaram que a prevenção se deu com o uso do preservativo masculino. Em relação ao método contraceptivo na primeira relação, 122 (64%) relataram ter utilizado algum, porém, 70 (36%) não fizeram uso de nenhum tipo de método contraceptivo.

A primeira relação sexual é considerada um marco na vida de qualquer pessoa. Estudos sobre o início da vida sexual e o uso de preservativos têm indicado que adolescentes e jovens estão inclinados a não os usar quando iniciam a vida sexual muito cedo e têm sua iniciação sexual em uma relação casual, no caso de adolescentes femininos, quando têm parceiros mais velhos (mais de sete anos) ou de outra geração. Assim como se observa na população adulta, há diferenças relevantes nos padrões de uso de preservativo, de acordo com o tipo de vínculo com a parceria - casual ou fixo (Silva *et al.*, 2013; Teixeira *et al.*, 2006).

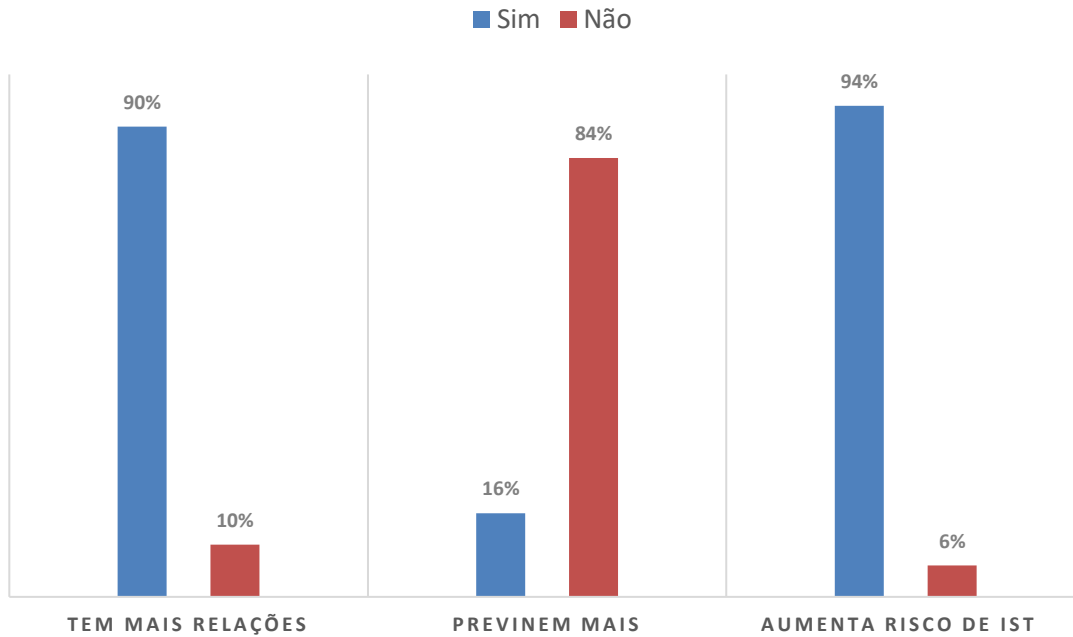
O uso do preservativo engloba uma variação de fatores, tanto biológicos, como psicossociais, sociais, religiosos ou programáticos. As queixas sobre as questões físicas (como perda da sensibilidade) são mais valorizadas. Contudo, outras interpretações podem estar ligadas ao uso do preservativo, como a falta de confiança, a não aceitação pela religião, dificuldade de adquirir pelo preço e falta de acesso à unidade de saúde (Garcia; Souza, 2010).

Os jovens brasileiros mostram um alto nível de conhecimentos sobre os modos de transmissão do HIV e estão entre os que mais usam o preservativo em todas as situações. Apesar disso, estudos atestam também entre eles uma alta prevalência de práticas de risco para a transmissão de patógenos relacionados às IST, como o uso não consistente do preservativo (Brasil *et al.*, 2011).

Os entrevistados procuram fazer uma análise das mulheres com que se relacionam, como aquelas que têm uma vida sexual muito ou pouco ativa, procurando alertar sobre a necessidade do uso de preservativos. Conhecer as histórias anteriores lhes dava certa confiança para a relação sexual desprotegida (Fontanella; Gomes, 2012).

De modo geral, foi percebido nas narrativas um desejo por relações afetivo-sexuais que se mostrassem compromissadas, estáveis e exclusivas, ao menos por algum período. Relações de confiança recíproca pareceram compor o ideal dos envolvimento emocionais, sendo vistas como elaborações interpessoais de mais longo prazo. Quanto maior a confiança na parceria, menos cuidado tomado em relação à saúde; isto é, à medida que a confiança aumenta, o cuidado diminui. Assim, a decisão sobre usar ou não o preservativo originou-se de outros tipos de julgamentos sobre a parceria pretendida.





**Gráfico 2** – Frequência de relações sexuais e risco de transmissão de IST no carnaval. Região Centro-Oeste, Mato Grosso, Brasil 2023 (n=192).

A mídia enfatiza um ambiente alegre durante o carnaval, como se tudo o que é “proibido” fosse liberado, ninguém é de ninguém, e o clima sexual está em plena manifestação. Eventos como shows e festas com aglomerações de jovens são onde eles têm maior acesso às bebidas e outras substâncias psicoativas por longos períodos. Sabe-se que os indivíduos que fazem uso tanto de bebida alcoólica quanto de outras substâncias têm alterações fisiológicas como distúrbios da consciência e do comportamento, muitas vezes com alterações de personalidade, e de acordo com a quantidade ingerida, maiores vão sendo essas alterações.

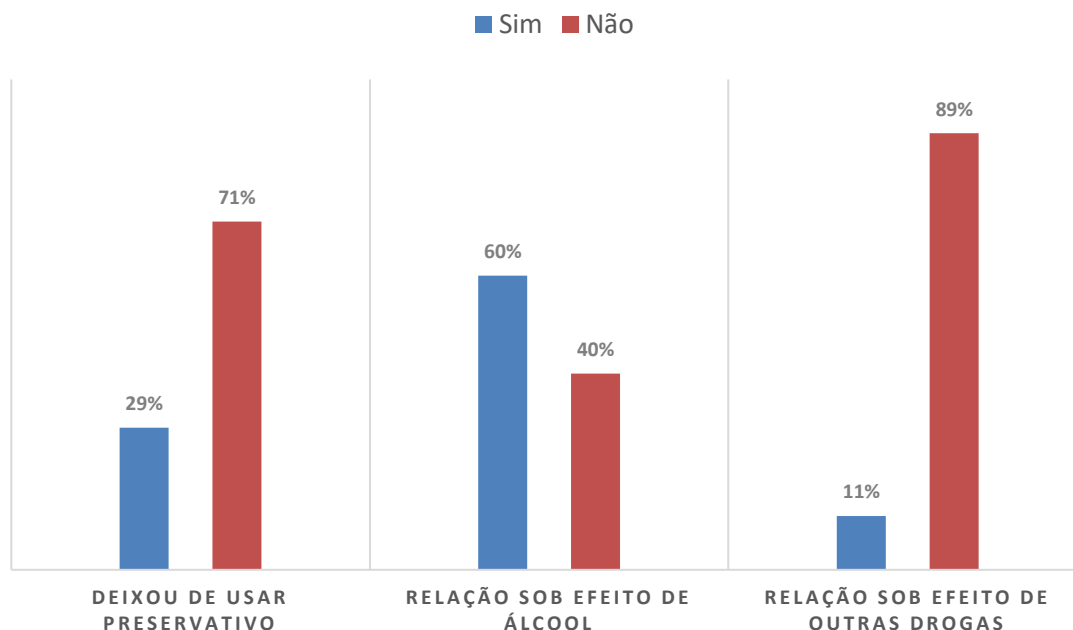
O consumo de álcool está correlacionado com a redução da inibição, resultando em maior propensão a interações afetivo-sexuais, especialmente durante o período do Carnaval, que se configura como a festividade mais significativa no contexto brasileiro. Durante esse evento, muitos indivíduos frequentemente se envolvem em celebrações consecutivas, sem intervalos de um dia para o outro.

Com as alterações resultantes do uso de bebida alcoólica e psicotrópicos, as pessoas perdem a noção da importância do uso de preservativos e, assim, das consequências dos comportamentos riscos, e inclusive a destreza ao manusear o preservativo.

O uso de bebida alcoólica associado ao comportamento sexual mostra ser um fator de risco para propagação das IST e HIV/AIDS. Quando há prática sexual sob efeito de álcool, os indivíduos tendem a ter mais que uma parceria e não utilizar preservativo. Para analisar o risco existente na prática de sexo sob efeito de álcool, deve-se compreender o ambiente e os contextos religiosos no quais a bebida é utilizada (Fontanella; Gomes, 2012).

O carnaval constitui um elemento de diferenciação com relação ao outro, servindo como uma marca do “ser brasileiro”: a imagem de povo alegre, descontraído e sensual tem grande relação com os festejos carnavalescos.

Com o início do verão as mídias ficam mais propensas a promover a sensualidade brasileira. Durante o carnaval os apelos sensuais ganham destaque, principalmente pela televisão. Assim, é possível imaginar que esses convites possam influenciar no aumento de atividade sexual e no risco para aquisição de IST.



**Gráfico 3** – Uso de preservativos e substâncias psicoativas. Região Centro-Oeste, Mato Grosso, Brasil 2023 (n=192).

Fatores históricos e culturais fazem com que a bebida alcoólica seja comercializada e consumida de forma lícita e incorporada aos hábitos sociais. Quando se pensa no carnaval, isso ganha destaque por se tratar de uma festa longa e muito ligada à sensualidade. Destaca-se que 29% dos participantes desta pesquisa deixaram de usar preservativo em relações sexuais por estar sob efeito de bebida. Tal comportamento é um fator de risco para gravidez indesejada, bem como IST curáveis ou não.

Demonstrou-se neste cenário que 60% dos respondentes tiveram relações sexuais sob efeito de bebida alcoólica, e 11% autodeclararam ter tido relações sexuais mediante ao uso de outras drogas. O consumo de bebidas alcoólicas é uma prática rotineira, principalmente em circunstâncias sociais. Comemorações de todos os tipos viram pretextos para o consumo. Tal prática pode levar à redução da percepção de riscos e, consequentemente, à adoção de práticas sexuais mais seguras. De acordo com Oliveira e Pucci (2021), as substâncias psicoativas podem levar a comportamentos de risco, aumentando a vulnerabilidade.

### Considerações finais

Este estudo apresentou como limitação o fato de ter sido realizado num local com grande aglomeração de pessoas, na arena do parque de exposições, o que pode ter interferido na realização das entrevistas, pois a música com volume elevado e o clima festivo não permitiram que alguns indivíduos aceitassem interromper o momento de folia e comemoração para participar da pesquisa.

O comportamento sexual da maioria dos entrevistados é de diálogo aberto sobre o tema da sexualidade em casa, sentem-se informados sobre questões relacionadas à sexualidade, usaram algum método de contracepção na primeira relação e sabem como prevenir IST, tendo como principais fontes de informações a internet e os amigos.

Identificou-se que durante o carnaval aumenta a probabilidade de ter mais relações sexuais, porém, a prevenção não aumenta durante esse período, fazendo com que as pessoas se tornem mais vulneráveis a contrair algum tipo de IST. Considera-se que a responsabilidade pelo uso do preservativo na, maioria das vezes, ainda é do homem, esse fato se evidencia pela falta de autonomia ao corpo feminino em se tocar e bloqueio social, além de o preservativo feminino não ter tanta visibilidade quanto o masculino. Ressalta-se que os profissionais da saúde podem desempenhar um papel de extrema relevância na idealização e execução de planos de promoção da saúde e prevenção de agravos, por meio de oficinas, rodas de conversas sobre o empoderamento feminino.

Este estudo apontou que não é suficiente apenas distribuir preservativos no carnaval, mas sensibilizar a população sobre o uso correto, na tentativa de melhorar a educação em saúde, aumentando o



autoconhecimento, proporcionando a tomada de decisão sobre a melhor forma de proteção. Destaca-se a necessidade de mensurar a incidência de IST/HIV, bem como o aumento do número de gestações indesejadas após o carnaval.

## Referências

- AMORAS, B. C.; CAMPOS, A. R.; BESERRA, E. P. Reflexões sobre vulnerabilidade dos adolescentes a infecções sexualmente transmissíveis. *Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, Macapá, v. 8, n. 1, p. 163–171, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/1668>. Acesso em: 6 jun. 2023.
- BAGAGLI, B. P. Orientação sexual na identidade de gênero a partir da crítica da heterossexualidade e cisgeneridade como normas. *Letras Escreve*, Macapá, v. 7, n. 1, p. 137–164, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/3073>. Acesso em: 15 ago. 2023.
- BRASIL et al. *Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas relacionada às DST e AIDS da População Brasileira*. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. G. Estatística e Informação em Saúde. E-book. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pesquisa\\_conhecimentos\\_atitudes\\_praticas\\_populacao\\_brasileira.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pesquisa_conhecimentos_atitudes_praticas_populacao_brasileira.pdf). Acesso em: 6 jun. 2023.
- BUDÓ, M. L. D.; SAUPE, R. Conhecimentos populares e educação em saúde na formação do enfermeiro. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 57, n. 2, p. 165–169, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/nF76gXLyKfFbBM89MJ5sN/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 6 jun. 2023.
- CARDOSO, L. R. D.; MALBERGIER, A.; FIGUEIREDO, T. F. B. O consumo de álcool como fator de risco para a transmissão das DSTs/HIV/Aids. *Archives of Clinical Psychiatry*, São Paulo, v. 35, n. suppl 1, p. 70–75, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/PPmnWvjfzbl7K5Jm4835Ngf/>. Acesso em: 6 jun. 2023.
- CARVALHO, G. R. O.; PINTO, R. G. S.; SANTOS, M. S. Conhecimento sobre as infecções sexualmente transmissíveis por estudantes adolescentes de escolas públicas. *Adolescência & Saúde*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 07–17, 2018. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v15n1a02.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2023.
- COSTA, T. S. et al. Escola, sexualidade, práticas sexuais e vulnerabilidades para as infecções sexualmente transmissíveis (IST). *Revista Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão*, Cruz Alta, v. 4, n. 1, p. 75–84, 2016. Disponível em: <https://revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/revint/article/view/169>. Acesso em: 6 jun. 2023.
- DIORIO, C.; KELLEY, M.; HOCKENBERRY-EATON, M. Communication about sexual issues: mothers, fathers, and friends. *Journal of Adolescent Health*, New York, v. 24, n. 3, p. 181–189, 1999. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1054139X98001153>. Acesso em: 6 jun. 2023.
- DINIZ, A. *Almanaque do carnaval: a história do carnaval, o que ouvir, o que ler, onde curtir*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. E-book. Disponível em: <http://p.download.uol.com.br/mtv/biblioteca/historiadocarnaval.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2023.
- FERNANDES, J. F. P.; SOUSA, L. B.; BARROSO, M. G. T. Repercussão da gravidez no contexto sociofamiliar da adolescente - uma experiência. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 400–406, 2004. Disponível em: <https://acta-ape.org/article/repercussao-da-gravidez-no-contexto-socio-familiar-da-adolescente-uma-experiencia/>. Acesso em: 6 jun. 2023.
- FONTANELLA, B. J. B.; GOMES, R. Prevenção da AIDS no período de iniciação sexual: aspectos da dimensão simbólica das condutas de homens jovens. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 12, p. 3311–3322, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/yPXhMLW7ZbVsg9V8yBgYW8t/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 6 jun. 2023.

GARCIA, S.; SOUZA, F. M. Vulnerabilidades ao HIV/aids no Contexto Brasileiro: iniquidades de gênero, raça e geração. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 19, n. suppl 2, p. 9–20, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/jGCLV8Ms8gfv3DDwCpj7k3x/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 6 jun. 2023.

GERMANO, I. O Carnaval no Brasil: da origem europeia à festa nacional. *Caravelle*, Tolosa, n. 73, p. 131–145, 1999. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40854710>. Acesso em: 6 jun. 2023.

GOMES, R. R. F. M. et al. Fatores associados ao baixo conhecimento sobre HIV/AIDS entre homens que fazem sexo com homens no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 10, p. 1–15, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/kh8sS5QRnhG8NDzdzHcXxxc/?lang=pt>. Acesso em: 7 jun. 2023.

MACHIN, R. et al. Concepções de gênero, masculinidade e cuidados em saúde: estudo com profissionais de saúde da atenção primária. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 11, p. 4503–4512, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2011.v16n11/4503-4512/>. Acesso em: 6 jun. 2023.

MARTINS, M. R.; MALTA, E. C.; ALMEIDA, M. F. Avaliação do conhecimento dos adolescentes sobre infecções sexualmente transmissíveis. *Revista de Enfermagem UFPE*, Recife, v. 7, n. 12, p. 7042–7047, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/12374>. Acesso em: 7 jun. 2023.

OLIVEIRA, K. C.; PUCCI, S. H. M. Os fatores associados à experimentação, uso, abuso e dependência de substâncias psicoativas na adolescência. *Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação*, São Paulo, v. 7, n. 7, p. 1331–1351, 2021. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/1789>. Acesso em: 15 ago. 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Saúde sexual, direitos humanos e a lei*. Tradução: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Instituto Federal do Rio Grande do Sul; Universidade Federal do Paraná. Porto Alegre: UFRGS, 2020. E-book. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/175556/9786586232363-por.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2023.

PATRICIO, Z. M. O cuidado com a qualidade de vida dos adolescentes: um movimento ético e estético de “koans e tricksters”. In: RAMOS, F. R. S.; MONTICELLI, M.; NITSCHKE, R. G. (org.). *Um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro*. Brasília: ABEn, 2000. (Caderno especial). p. 121–143. E-book. Disponível em: <http://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2015/08/Um-encontro-da-enfermagem-como-o-adolescente-brasileiro.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2023.

PEREIRA, É. G.; SOARES, C. B.; CAMPOS, C. M. S. Uma proposta de construção da base operacional do processo de trabalho educativo em saúde coletiva. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 15, n. 6, p. 1072–1079, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/FZRtMRkC5Bc5XFQGrTn9RjG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 7 jun. 2023.

PONTES, Â. F. *Sexualidade: vamos conversar sobre isso? - Promoção do desenvolvimento psicosssexual na adolescência: implementação e avaliação de um programa de intervenção em meio escolar*. 2011. 282 f. Dissertação (Doutorado em Ciências de Saúde Mental) – Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto, Porto, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/24432>. Acesso em: 7 jun. 2023.

RAMOS, E. Ação docente e o diálogo inadiável sobre a diversidade na obra “a conversa sobre gênero na escola”. *Diversidade e Educação*, Rio Grande, v. 8, n. 1, p. 339–352, 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/11342>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SILVA, A. A. A. et al. Fatores associados à recorrência da gravidez na adolescência em uma maternidade escola: estudo caso-controle. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 3, p. 496–506, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csp/2013.v29n3/496-506/>. Acesso em: 7 jun. 2023.

SOUSA, L. B.; FERNANDES, J. F. Pinto; BARROSO, M. G. T. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 19, RBSh 2023, 34, e1117, 1-11

n. 4, p. 408–413, 2006. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/ape/a/jK9VH7YRTLwLKxN8hQF4d7n/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 7 jun. 2023.

TEIXEIRA, A. M. F. B. et al. Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas dos jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p. 1385–1396, 2006. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/csp/a/w6vWsT6yYxTRNWsc3DB5R8g/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 7 jun. 2023.

TORRES, C. A.; BESERRA, E. P.; BARROSO, M. G. T. Relações de gênero e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis: percepções sobre a sexualidade dos adolescentes. *Escola Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 296–302, 2007. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/ean/a/9SkxhgzfRHM33VHRmsfTxyq/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 7 jun. 2023.

VILLELA, W. V.; DORETO, D. T. Sobre a experiência sexual dos jovens. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 11, p. 2467–2472, 2006. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/csp/a/rD3sqgjXKDVc4kgX5YhZtPk/?lang=pt>. Acesso em: 7 jun. 2023.

Recebido em: 27/06/2023

Aprovado em: 03/10/2023